



**VIII Congresso Luso-Afro-Brasileiro de Ciências Sociais
Coimbra 16, 17 e 18 de Setembro de 2004**

Centro de Estudos Sociais, Faculdade de Economia, Universidade de Coimbra
Colégio de S. Jerónimo, Apartado 3087 · 3001-401 Coimbra, Portugal
Telef +351 239 85 55 70 Fax + 351 239 85 55 89

**A
QUESTÃO
SOCIAL**

**NO NOVO
MILÉNIO**

email lusoafrobrasileiro@ces.uc.pt
url <http://www.ces.uc.pt/LAB2004>

A ELEIÇÃO PRESIDENCIAL BRASILEIRA DE 2002: AVALIAÇÃO GERAL E ANÁLISE DE FATORES RELEVANTES NA DECISÃO DE VOTO

Yan Carreirão

Apresentação

O trabalho analisa a eleição presidencial brasileira de 2002, em que pela primeira vez na história brasileira vence um candidato de um partido de esquerda. Inicialmente é analisado o contexto em que se deu a eleição presidencial. Dados de um survey académico permitem aprofundar alguns aspectos do processo decisório dos eleitores. É rejeitada uma possível interpretação de que a vitória de Lula tenha representado uma guinada duradoura do eleitorado brasileiro em direção à esquerda; embora sejam relacionados diversos fatores

que pesaram na decisão de voto, o resultado da eleição é interpretado principalmente como fruto da canalização do descontentamento da maioria do eleitorado com o governo de Fernando Henrique Cardoso, em direção à candidatura que representou o núcleo duro da oposição àquele governo.

1. A Eleição Presidencial de 2002: o Contexto e a Campanha

No 1º turno das eleições presidenciais brasileiras disputaram seis candidatos: Luís Inácio Lula da Silva (PT, apoiado por PL e PCdoB), José Serra (PSDB, apoiado pelo PMDB), Anthony Garotinho (PSB), Ciro Gomes (PPS, apoiado por PDT e PTB), José Maria (PSTU) e Rui Pimenta (PCO). Dos partidos mais relevantes, o PPB e o PFL não lançaram nem apoiaram oficialmente nenhum candidato.

Nenhum candidato obteve maioria absoluta dos votos válidos, passando ao segundo turno, Lula (46% dos votos válidos) e Serra (23%). No 2º turno, Lula ganha o apoio de Garotinho e Ciro e dos partidos que apoiavam estes candidatos: PSB, PDT e PTB. Serra obtém apoio de boa parte do PFL. Lula, com 61% dos votos válidos, vence Serra (39%).

1.1. Avaliação do governo Fernando Henrique Cardoso

Do contexto em que se deu o processo eleitoral, o fator mais relevante a ser destacado, parece ser a avaliação que o governo do presidente Fernando Henrique Cardoso (daqui para a frente chamado de FHC, por economia textual) tinha junto ao eleitorado brasileiro. O Gráfico 1 (reproduzido do site do instituto de pesquisas Datafolha) mostra a evolução da avaliação do governo ao longo dos seus dois mandatos.

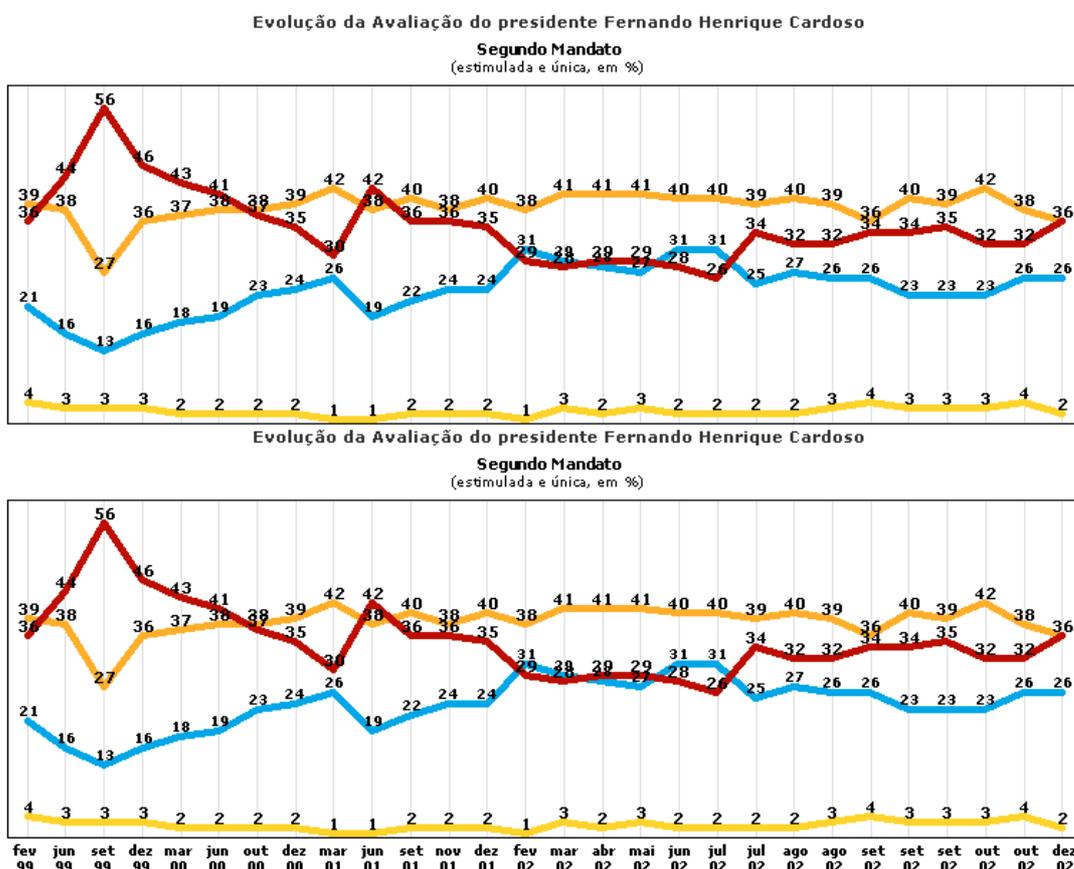
Como se pode ver, houve uma queda brutal da avaliação do governo, entre o 1º e o 2º mandato. Se tomamos os percentuais de eleitores que avaliavam o governo como ótimo ou bom, no 1º mandato (em 19 medições feitas pelo Datafolha entre março de 1995 e dezembro de 1998), estes percentuais variaram entre 30% e 47%, com uma média de 39%.

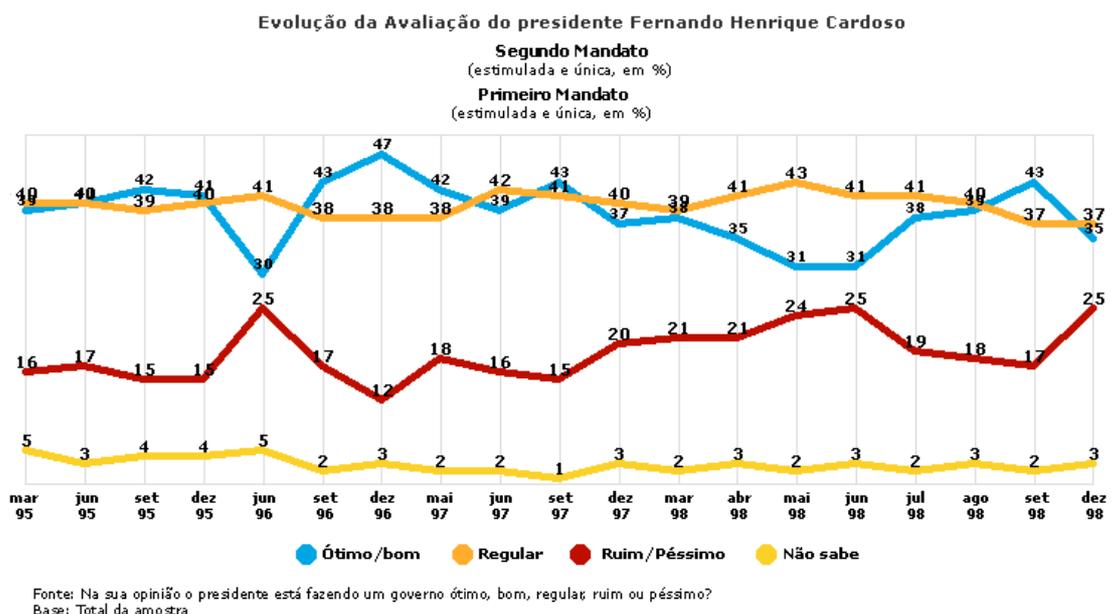
No 2º mandato (em 24 medições), a taxa mínima de eleitores que avaliavam positivamente o governo foi 13 % e a máxima foi 31%. A média cai para 24%. Portanto, na média, cerca de 15% dos eleitores brasileiros avaliavam bem o governo FHC em seu 1º

mandato e deixaram de fazê-lo no 2º. E a mudança não se deu de forma gradual; foi brusca, exatamente na passagem de um para outro mandato. Às vésperas da eleição de 1998, no final de setembro, 42% dos eleitores avaliavam positivamente o governo (em dezembro já houve uma queda para 35%); em fevereiro de 99, logo após a desvalorização do Real, esse percentual caiu exatamente para a metade: 21%. É evidente a conexão dessa queda na avaliação, com a desvalorização do Real em janeiro de 1999 (após o presidente ter afirmado, na campanha de 1998, que não haveria desvalorização).

Se a desvalorização do Real trouxe um forte descrédito ao governo no início do 2º mandato, a ausência de êxito econômico foi responsável pela manutenção de baixas taxas de avaliação positiva ao longo do 2º mandato. Embora tenha havido uma razoável melhora da avaliação ao longo do 2º mandato, isso não foi suficiente para recuperar o terreno perdido na passagem do 1º para o 2º mandato: na última pesquisa Datafolha antes do 1º turno de 2002, 23% dos eleitores avaliavam o governo como ótimo ou bom e 34% como ruim ou péssimo.

Gráfico 1 – Evolução da Avaliação do Presidente Fernando Henrique Cardoso - 1995/2002





Este nos parece ser um fator decisivo da eleição: a avaliação feita pelo eleitorado, do desempenho do governo FHC. De um lado, uma parcela não desprezível avaliava o governo positivamente, especialmente pelo fato de ter eliminado a hiper-inflação que persistiu no país durante muito tempo antes do Plano Real, em 1994. Por outro lado, a avaliação era negativa ou neutra ("regular")¹ para uma maioria do eleitorado. Havia uma insatisfação da maioria do eleitorado com os rumos tomados pelo país sob FHC, especialmente em seu 2º mandato. Isso se devia, em parte, ao desgaste do governo após oito anos e à fragilidade frente às instabilidades externas (devida ao alto grau de endividamento, entre outras coisas). Mas, fundamentalmente, às altas taxas de desemprego e à manutenção de desigualdades sociais enormes. Uma percepção majoritária de que o governo FHC não fez o suficiente para melhorar a vida das pessoas mais pobres.

1.2. A campanha e os candidatos

¹ Os eleitores que avaliavam o governo FHC como "regular" eram 40% antes do 1º turno de 2002. É necessário observar que de 1989 para cá, com exceção do período pré-eleitoral de 1994, a grande maioria dos eleitores que avaliam o governo como Regular, tendem a votar contra o governo (ou seja, a avaliação "regular" parece ser uma avaliação predominantemente negativa), conforme análise feita a partir dos dados de Carreirão e Kinzo (2004).

Iniciando pelo candidato situacionista: Serra era bem avaliado por parcela substancial dos eleitores, em atributos que parecem ser considerados relevantes para um bom governante: era considerado honesto e conseguiu formar a imagem de um bom administrador, sério e competente. O problema principal era o da credibilidade de suas propostas. Serra centrou seu programa de TV em dois temas fundamentais para o eleitorado: emprego e segurança. Formulou propostas claras, didaticamente. Mas o problema da credibilidade estava no fato de que ele era o candidato do governo, que aos olhos da grande maioria do eleitorado, havia deixado a situação se deteriorar muito no que se refere a estes dois temas. Enfim, seu principal problema é que ele representava a continuidade de um governo cuja avaliação junto ao eleitorado era majoritariamente negativa. Esta parece ser uma dificuldade que enfrentaria qualquer candidato situacionista.

No que se refere às demais candidaturas, analisando a evolução das intenções de voto a partir de dezembro do ano passado, vemos grandes variações. Há diversas "ondas" de crescimento de diferentes candidatos, indicando uma grande volatilidade do voto, pelo menos até o final de agosto (cerca de 40 dias antes do 1º turno).

A 1ª "onda", entre dezembro de 2001 e fevereiro de 2002, é a de Roseana Sarney (PFL), filha do ex-presidente José Sarney (1985/90), ex-governadora do Maranhão, Estado comandado há muito tempo pela família. Embalada pela forte exposição na TV, a partir dos programas do PFL, Roseana ficou neste período em 2º lugar na disputa, chegando a ficar apenas 3% atrás de Lula na pesquisa Datafolha de 20 e 21 de fevereiro (na simulação de 2º turno, ela vencia Lula, por 51% a 39%). Roseana provavelmente teria dificuldades quando começasse o horário eleitoral, mas foi derrubada antes, em 1º de março, pela apreensão, pela Polícia Federal, de uma "montanha" de dinheiro na sede da empresa Lunus, de sua propriedade. A exposição na TV, durante semanas, da "montanha" de dinheiro, para a qual foram dadas diversas versões em poucos dias, minou a credibilidade da candidata. Após uma queda de 24% para 13% em 45 dias, Roseana renuncia na metade de abril.

Em junho começa a "onda Ciro Gomes" (ex-governador do Ceará e ex-ministro da Fazenda no governo Itamar Franco). Com a forte exposição na TV e com a participação de Patrícia Pilar (sua namorada e popular atriz), cresce de 11% em 07/06 para 28% em 30/7 - seu auge em toda a campanha, quando fica em 2º lugar, apenas 5% atrás de Lula. Na simulação de 2º turno, Ciro passava Lula (48% x 44%). Após o início do Horário de

Propaganda Eleitoral Gratuita (HPEG), Ciro começa a cair. Dentre os principais motivos para a queda, pode-se salientar: 1) a campanha negativa de Serra (no 1º debate, em 04/08 e desde o início do HPEG, em 20/8), mostrando afirmações de Ciro que não corresponderiam à verdade, de forma a associá-lo a uma imagem de mentiroso. A propaganda de Serra mostrava também declaração de Ciro chamando eleitor de burro, tentando associá-lo a uma imagem de destemperado; 2) declarações infelizes do candidato, especialmente quanto ao papel de Patrícia Pilar em sua campanha. Tudo isso contribuiu para minar sua credibilidade junto a parcela do eleitorado. O declínio de Ciro vai ser contínuo, até às vésperas do 1º turno. Cai de 27% das intenções de voto, na metade de agosto, para 11% na última pesquisa antes do 1º turno (e no resultado efetivo da eleição). A queda de Ciro é acompanhada de um crescimento de Serra, Garotinho e Lula.

Quanto a Garotinho (ex-governador do Rio de Janeiro), esteve à frente de Ciro entre janeiro e o início de junho. Volta a ficar, ao final da campanha (20/9 em diante). Seu ponto mais alto foi na última pesquisa (em 4 e 5/10), quando atingiu 17%.

A Tabela 1 mostra a evolução das intenções de voto em uma 3ª candidatura (além das de Lula e Serra). Como se vê, durante boa parte da campanha houve um espaço para uma terceira candidatura, além da polarização Lula x Serra. Em alguns momentos (dezembro de 2001 a abril de 2002; julho até metade de agosto), a soma de votos em terceiros candidatos ultrapassava as intenções de voto em Lula. Mesmo após a saída de Roseana e o declínio de Ciro, havia algum espaço para essa terceira candidatura.

Tabela 1: Evolução das Intenções de Voto de uma 3ª Candidatura

Datas das Pesquisas	Intenção de Voto		
	SOMA 3ª CAND.	LULA	SERRA
12 a 14/12/01	45*	33*	7*
05/1/02	45*	30*	11*
20 e 21/2/02	48*	27*	12*
12/3	40*	26*	19*
9/4	38*	31*	19*

14/5	29	43	17
7/6	27	40	21
4 e 5/7	31	38	20
30/7	39	33	16
15 e 16/8	39	37	13
30/8	30	37	19
9/9	29	40	21
19 e 20/9	28	44	19
26 e 27/9	26	45	19
2/10	25	45	21
4 e 5/10	28	45	19

Fonte: Datafolha.

Obs: São considerados aqui como "3ª candidatura", apenas Roseana, Ciro e Garotinho.

* Os percentuais para o período dez/01 a abril/02 são os da Folha de São Paulo de 06/10/02, no cenário que incluía Roseana Sarney.

O resultado eleitoral mostrou que além dos 42 % dos eleitores que votaram em Lula e dos 21 % que votaram em Serra, havia, ao final da campanha, um contingente significativo, de 27 % dos eleitores que votaram numa 3ª opção. Garotinho chegou ao final da campanha muito próximo a Serra. Mas uma coisa que parece ter sido fundamental para a vitória de Lula é que, nos momentos de declínio de Roseana ou Ciro, parte dos votos acabou indo para Lula. E em grande parte isso se deu porque a campanha de Lula conseguiu neutralizar bem dois aspectos centrais da rejeição ao candidato em outras eleições: de um lado, o "radicalismo" de Lula e do PT; de outro, o "despreparo" de Lula para governar. É necessário, porém, admitir que esse trabalho de marketing foi facilitado por aspectos políticos mais gerais. A grande insatisfação com a situação do país reforçava as possibilidades das candidaturas de oposição. Lula era o beneficiário potencial principal, já que tinha um nome e uma trajetória mais conhecidos pelo conjunto do eleitorado. E quando a campanha começa, o fato de os outros candidatos terem que disputar o 2º lugar, para passar ao 2º turno, permitiu a Lula a possibilidade de manter uma "postura de estadista", com uma campanha propositiva (e o estilo "paz e amor") , enquanto os demais brigavam entre si.

Embora o candidato do governo contasse com certo eleitorado potencial, entre os cerca de 25% dos eleitores que avaliavam bem o governo FHC, havia, realmente, antes da campanha iniciar, uma forte predisposição contra o candidato do governo (e haveria, qualquer que fosse esse candidato). As deficiências de outras candidaturas aliadas a uma predisposição maior a votar em Lula e uma boa campanha deste candidato acabaram por definir o resultado.

Nas seções seguintes, será testado um modelo de análise da decisão do eleitor, a partir dos dados de um survey eleitoral.

2. Um Modelo de Decisão do Voto na Eleição Presidencial de 2002

Nesta seção são descritos: as hipóteses que nortearam a análise, o tipo de análise estatística e as variáveis utilizadas para formular o esboço de um modelo de decisão de voto, na eleição presidencial de 2002.

A base empírica em que se sustenta a análise é o Estudo Eleitoral Brasileiro (ESEB), um survey aplicado a uma amostra de 2513 eleitores de todo o país, entre 31/10 e 28/12/2002. Foi uma amostra probabilística sem substituição, com 3 estágios de seleção (município, setor censitário e domicílio), com erro amostral de 2 %.

A seguir são elencadas as principais hipóteses que direcionaram a pesquisa; vale notar que incluir algumas dessas hipóteses para que sejam testadas, não significa que o autor concorde com todas elas.

- 1) A hipótese, proposta por Singer (2000), de que a "identidade ideológica" dos eleitores (seu autoposicionamento numa escala esquerda-direita) influencia sua decisão de voto.
- 2) A hipótese de que as opiniões políticas dos eleitores influenciam sua decisão de voto. Esta hipótese está relacionada à discussão sobre o grau de estruturação do sistema de crenças do eleitorado (Converse, 1964).²
- 3) A hipótese de que a decisão de voto é influenciada pelo posicionamento dos candidatos em relação a certos temas (*issues*) que são centrais no momento da eleição.

² Singer (2000), Rennó (2001) e Carreirão (2002) revisam aspectos importantes do debate na literatura norte-americana, sobre o grau de estruturação do sistema de crenças do eleitorado.

4) A hipótese de que os "sentimentos" manifestados pelos eleitores em relação aos partidos influenciam seu voto.³

5) A hipótese de que a decisão de voto para presidente é influenciada pela avaliação que o eleitor faz do desempenho do governo (presidente) em exercício.⁴

6) Hipótese de que o voto seja influenciado pela avaliação que os eleitores fazem de características pessoais dos candidatos relevantes para sua capacidade de governar e/ou de cumprir promessas (Fiorina, 1981; Miller et al., 1986; Rahn et al., 1990; Popkin, 1994).

7) Hipótese de que a maioria do eleitorado tende a votar no candidato que conseguir formar a imagem de defensor dos interesses "dos pobres" (da "maioria da população", dos "trabalhadores") (Singer, 1990 e Castro, 1994).

Com o objetivo de estudar a intenção de voto em função das variáveis descritas a seguir, adotou-se a análise de regressão logística para a intenção de voto em cada um dos quatro principais candidatos. No Apêndice Metodológico 1 são descritas as principais características dessa técnica de análise utilizada aqui.

Foram incluídas no modelo, para cada candidato, as seguintes variáveis independentes (identificadas na análise pelos nomes sublinhados), relacionadas com as hipóteses acima, ou como variáveis de controle:

a) variáveis demográficas e socioeconômicas: a1) sexo (M/F); a2) idade (até 24 anos; 25 a 44 anos; 45 anos ou mais); a3) renda (até 1 S.M.; + de 1 a 5 S.M.; + de 5 a 10 S.M.; + de 10 S.M.); a4) escolaridade (escola: até 4ª série do 1º Grau; 5ª a 8ª série do 1º Grau; 2º Grau; superior); a5) religião (católica; evangélica; outras/sem religião); a6) Situação ocupacional (SitOcup) (empregado assalariado + autônomo; profissional liberal + empresário; estudante + estagiário; dona de casa; aposentado + desempregado).

b) variáveis político-ideológicas: b1) "identidade ideológica" (ou "posicionamento ideológico") (EsqDir): autopoicionamento do eleitor numa escala esquerda-direita, com

3 Apesar do declínio do papel dos partidos nos sistemas políticos (Dalton and Wattenberg, 1993 e 2000, Clarke and Stewart, 1998, entre outros), a influência da identificação partidária do eleitor em sua decisão de voto ainda é um tema relevante na literatura internacional (como demonstram Weisberg and Greene, 2003). Em relação ao Brasil, Carreirão e Kinzo (2004) fazem uma revisão da literatura sobre o tema, no que se refere ao atual sistema partidário.

4 Além de uma vasta literatura internacional (Key, 1956, Fiorina, 1981, Lewis-Beck, 1988, entre outros), esta tese aparece de alguma forma, em muitos textos recentes no Brasil: Lavareda (1989); Muszynski e Mendes (1990); Albuquerque (1992); Figueiredo (1994); Mendes e Venturi (1994); Meneguello (1995); Kinzo (1996); Carreirão (1999 e 2002), dentre outros.

valores de 0 (mais à esquerda) a 10 (mais à direita) ⁵ ; b2) “sentimentos partidários”: esta variável foi construída (uma para cada candidato: SentPartLula, SentPartSerra; SentPartGarro; SentPartCiro) com base nas respostas dos entrevistados a várias questões, sobre partidos de que os entrevistados gostam (ou que os representam), “mesmo que um pouquinho” e rejeição a partidos. A partir destas respostas, os entrevistados eram classificados, relativamente a cada candidato, em 3 situações: i) como tendo “sentimentos partidários” que teoricamente desfavoreceriam o voto no candidato; ii) como tendo tendência partidária neutra em relação ao candidato; iii) como tendo sentimentos partidários favoráveis ao voto no candidato (ver Apêndice Metodológico 2). b3) “índice de clientelismo” (IndClient); b4) “índice rouba-mas-faz” (IndRouba); b5) “índice de autoritarismo (protesto contra o governo)”(IndAutorit); b6) “índice de regulação do mercado pelo Estado” (IndRegulMerc); b7) “índice de fechamento do mercado para o exterior” (IndFechMerc) Estes índices foram construídos a partir das respostas a diferentes baterias de questões.

c) Posições frente a *issues*: foram consideradas as respostas a duas questões, que poderiam definir contraposições muito importantes entre os principais candidatos na disputa eleitoral, em termos de prioridades: e1) empregos x inflação baixa (Issue1) ; e2) combate à miséria e à fome x inflação baixa (Issue 2).⁶

d) avaliação do governo FHC (AvalFHC): (ruim/péssimo; regular; bom/ótimo).

e) avaliação de atributos dos candidatos: foram consideradas as menções feitas pelos entrevistados aos seguintes atributos de cada candidato: d1) confiabilidade (ConfLula, ConfSerra, ConfGarro, ConfCiro); d2) honestidade (HonLula, HonSerra, HonGarro, HonCiro); d3) competência (CompetLula, CompetSerr, CompetGarro, CompetCiro), d4) experiência (ExperLula, ExperSerra, ExperGarro, ExperCiro); d5) “defesa dos pobres” (ou, “faz mais pelos pobres”) (DefPobresLula, DefPobresSerra, DefPobresGarro, DefPobresCiro); d6) “defende gerar empregos” (DefEmprLula; DefEmprSerra; DefEmprGarro; DefEmprCiro); d7) “defende manter inflação baixa” (InflLula; InflSerra;

5 As posições na escala foram recodificadas da seguinte forma: 0 a 3 = esquerda; 4 a 6 = centro; 7 a 10 = direita.

6 O enunciado da questão era: “Na sua opinião, o que é mais importante para melhorar o Brasil”: (para e1): “gerar mais empregos ou manter a inflação baixa e garantir a estabilidade ?”; (para e2): “combater a miséria e a fome ou manter a inflação baixa e garantir a estabilidade ?”

InflGaro; InflCiro); d8) “evita greve e bagunça” (EvitaGreveLula; EvitaGreveSerra; EvitaGreveGaro; EvitaGreveCiro).

3. A análise dos dados

A seguir são mostrados os resultados das análises de regressão logística para cada candidato.

3.1. Lula

A Tabela 2 mostra as estatísticas para cada variável independente mantida no modelo final (para a intenção de voto em Lula), bem como as estatísticas relativas ao modelo como um todo (abaixo da tabela).

Os dados relativos ao modelo como um todo, mostrados abaixo da tabela (qui-quadrado, significância, R^2 e percentagens de acerto das respostas previstas) indicam que o modelo é bastante satisfatório. Vemos que as variáveis remanescentes são estatisticamente significativas; os coeficientes maiores da estatística de Wald mostram que a variável “sentimentos partidários” e, em seguida, confiabilidade e honestidade são as que têm maior peso.

Tabela 2 – Intenção de Voto em Lula – Estatísticas das Variáveis Mantidas no Modelo

VARIÁVEL	B	WALD	SIGN.	EXP. B
Religião		27,134	0,000	
Religião (1)	-1,333	24,879	0,000	0,264
Religião (2)	0,179	0,547	0,460	1,196
Renda		14,436	0,002	
Renda (1)	-0,814	4,095	0,043	0,443
Renda (2)	-0,787	3,525	0,060	0,455
Renda (3)	-1,810	12,975	0,000	0,164

RegMerc		6,192	0,045	
RegMerc (1)	-0,236	1,301	0,254	0,789
RegMerc (2)	-0,641	6,099	0,014	0,527
EsqDir		13,225	0,001	
EsqDir (1)	-0,602	8,428	0,004	0,548
EsqDir (2)	-0,754	11,474	0,001	0,471
SentPartLULA		90,377	0,000	
SentPartLULA(1)	0,950	20,562	0,000	2,586
SentPartLULA(2)	2,264	89,168	0,000	9,626
ConfLULA		52,488	0,000	
ConfLULA (1)	0,271	0,687	0,407	1,312
ConfLULA (2)	1,714	35,296	0,000	5,553
HonLULA		33,060	0,000	
HonLULA (1)	-0,595	4,308	0,038	0,552
HonLULA (2)	0,837	15,061	0,000	2,309
CompetLULA		15,904	0,000	
CompetLULA(1)	-0,019	0,005	0,944	0,982
CompetLULA(2)	0,768	10,470	0,001	2,156
DefEmprLULA		6,252	0,044	
DefEmprLULA (1)	-0,159	0,176	0,675	0,853
DefEmprLULA (2)	0,452	2,805	0,094	1,572
Constante	-1,420	7,841	0,005	0,242

N = 1205 ; Chi- quadrado = 843,52 ; g.l. = 19 ; Sign. = 0,000; R^2 (Nagelkerke) = 0,646

% acerto: outras respostas = 79,6 %; Lula = 87,3 %; total = 83,7%.

A última coluna da 2ª linha indica que a chance de votar em Lula por parte de um eleitor evangélico representava 26% da chance de um eleitor católico (*considerando a probabilidade de votar em Lula ajustada em termos das demais variáveis do modelo*).

Quanto à renda, os dados de Exp B mostram que as chances de votar em Lula declinam com a renda do eleitor, de tal forma que para a faixa de eleitores com mais de 10 salários mínimos (S.M.), a chance era de 16% da chance de eleitores na faixa de até 1 S.M (categoria mais baixa, que serve de parâmetro para o cálculo das razões de chance das outras categorias da variável).

A chance de votar em Lula, por parte de um eleitor posicionado ao centro (de uma escala esquerda-direita) era de 55% das chances de um eleitor posicionado à esquerda; a chance de um eleitor posicionado à direita era de cerca de 47% da de um eleitor posicionado à esquerda.

A chance de votar em Lula por parte dos que manifestavam sentimento partidários teoricamente favoráveis (ao voto no candidato) era cerca de 9,6 vezes a chance de um eleitor cujas manifestações representavam uma situação negativa.

Quanto aos atributos dos candidatos, as tendências são semelhantes para confiabilidade, honestidade, competência administrativa e defesa da geração de empregos (embora a força da influência dos dois primeiros seja bem maior, como atesta o coeficiente de Wald). É especialmente entre os que indicam Lula em 1º lugar na resposta (a cada um dos itens da questão) que a chance é bem maior de votar neste candidato, comparativamente aos que não mencionavam seu nome ou o colocavam em 3º lugar em relação ao atributo em pauta.

3.2. José Serra

Restaram no modelo as variáveis religião, avaliação do governo FHC, sentimentos partidários, confiabilidade e competência administrativa, sendo a de maior peso “confiabilidade”, seguida por “sentimentos partidários” e “competência administrativa” (Tabela 3). O modelo não foi tão bom quanto o modelo para a intenção de voto em Lula (menores R² e percentagens de acerto das respostas), mas, ainda assim, parece satisfatório.

Quanto à religião, a chance de votar em Serra por parte de um eleitor evangélico era de 40% da chance de um eleitor católico.

No que respeita à avaliação de desempenho do governo FHC, as chances de voto em Serra, como era esperado, aumentam à medida que passamos dos eleitores que avaliavam mal aquele governo FHC para os que o avaliavam bem. Mas, apenas o coeficiente da categoria mais alta é estatisticamente significativo. A chance de votar em Serra por parte de um eleitor que avaliava o governo como ótimo ou bom era quase 2 vezes a de um eleitor que o avaliava como ruim ou péssimo.

Tabela 3 – Intenção de Voto em José Serra – Estatísticas das Variáveis

Mantidas no Modelo

VARIÁVEL	B	WALD	SIGN.	EXP. B
Religião		8,726	0,013	
Religião (1)	-0,916	8,271	0,004	0,400

Religião (2)	-0,318	1,329	0,249	0,728
Aval FHC		9,603	0,022	
Aval FHC (1)	0,283	0,416	0,519	1,328
Aval FHC (2)	0,252	0,499	0,480	1,286
Aval FHC (3)	0,664	9,265	0,002	1,942
SentPartSERRA		43,514	0,000	
SentPartSERRA (1)	1,133	28,237	0,000	3,105
SentPartSERRA (2)	1,743	34,381	0,000	5,717
ConfSERRA		121,750	0,000	
ConfSERRA (1)	1,068	17,370	0,000	2,911
ConfSERRA (2)	2,909	115,346	0,000	18,330
CompetSERRA		29,218	0,000	
CompetSERRA (1)	0,254	0,824	0,364	1,290
CompetSERRA (2)	1,249	23,536	0,000	3,485
Constante	-3,690	150,084	0,000	0,023

N = 1205 ; Chi- quadrado = 600,14 ; g.l. = 14 ; Sign. = 0,000; R² (Nagelkerke) = 0,575

% acerto: outras respostas = 94,5%; Serra = 66,0%; total = 88,2%.

Obs: A variável Escola manteve-se na equação, mas com significação estatística acima de 0,05.

A chance de votar em Serra por parte de um eleitor cujas manifestações em relação a partidos representavam uma situação teoricamente favorável ao voto em Serra era de 5,7 vezes a chance de um eleitor cujas manifestações eram teoricamente contrárias ao voto no candidato.

Quanto aos atributos pessoais do candidato, a chance de votar em Serra entre os eleitores que o apontavam como o candidato mais confiável era 18,3 vezes a de um eleitor que não mencionava seu nome ou o colocava em 3º lugar em relação a este atributo. Para o atributo “competência administrativa”, o sentido da variação é o mesmo, mas a intensidade, embora ainda significativa, é bem menor.

3.3. Garotinho

As estatísticas para o modelo como um todo parecem indicar um modelo razoavelmente satisfatório, como o de Serra. Permanecem no modelo: avaliação do governo FHC, competência administrativa, “defesa de geração de empregos”, religião e confiabilidade, sendo estas duas últimas as de maior peso (Tabela 4).

Tabela 4 – Intenção de Voto em Garotinho – Estatísticas das Variáveis Mantidas no Modelo

VARIÁVEL	B	WALD	SIGN.	EXP. B
Religião		81,325	0,000	
Religião (1)	2,608	79,487	0,000	13,573
Religião (2)	0,665	3,410	0,065	1,944
Aval FHC		8,342	0,039	
Aval FHC (1)	-0,281	0,226	0,635	0,755
Aval FHC (2)	-0,918	3,761	0,052	0,399
Aval FHC (3)	0,416	2,317	0,128	1,516
ConfGAROTINHO		40,286	0,000	
ConfGAROTINHO (1)	1,503	16,234	0,000	4,496
ConfGAROTINHO (2)	2,940	39,816	0,000	18,914
CompetGAROTINHO		11,472	0,003	
CompetGAROTINHO (1)	0,710	4,445	0,035	2,035
CompetGAROTINHO (2)	1,560	10,957	0,001	4,761
DefEmprGAROTINHO		7,619	0,022	
DefEmprGAROTINHO (1)	0,519	2,636	0,104	1,680
DefEmprGAROTINHO (2)	1,345	7,168	0,007	3,837
Constante	-4,473	204,731	0,000	0,011

N = 1205 ; Chi- quadrado = 480,92 ; g.l. = 13 ; Sign. = 0,000; R^2 (Nagelkerke) = 0,594

% acerto: outras respostas = 97,6%; Garotinho = 61,3%; total = 93,0%.

Obs: A variável “honestidade” manteve-se na equação, mas com significação estatística acima de 0,05.

A variável mais relevante é a religião (maior coeficiente de Wald). A força de Garotinho entre os evangélicos é confirmada: a chance de votar em Garotinho por parte de um eleitor evangélico representa 13,6 vezes a chance de um eleitor católico.

Quanto à confiabilidade, à competência administrativa e à geração de empregos, a situação é semelhante à encontrada para os demais candidatos: a força maior é da variável “confiabilidade”.

3.4. Ciro Gomes

Permanecem no modelo: religião, posicionamento do eleitor numa escala esquerda-direita, sentimentos partidários, confiabilidade, honestidade, experiência e “evita greve e bagunça” (Tabela 5). Valores maiores da estatística de Wald foram encontrados para confiabilidade, experiência e sentimentos partidários. O modelo é menos satisfatório do

que os dos demais candidatos, como indicam o R^2 (Nagelkerke) e a porcentagem de acerto das respostas (especialmente o voto no candidato).

Tabela 5 – Intenção de Voto em Ciro Gomes – Estatísticas das Variáveis Mantidas no Modelo

VARIÁVEL	B	WALD	SIGN.	EXP. B
Religião		6,538	0,038	
Religião (1)	-1,378	6,186	0,013	0,252
Religião (2)	-0,294	0,742	0,389	0,746
EsqDir		5,643	0,060	
EsqDir (1)	0,298	0,940	0,332	1,347
EsqDir (2)	0,750	5,434	0,020	2,116
SentPartCIRO		16,693	0,000	
SentPartCIRO (1)	1,004	15,124	0,000	2,729
SentPartCIRO (2)	1,461	4,078	0,043	4,312
ConfCIRO		52,143	0,000	
ConfCIRO (1)	0,587	3,378	0,066	1,798
ConfCIRO (2)	2,600	50,721	0,000	13,458
HonCIRO		13,583	0,001	
HonCIRO (1)	-0,491	1,899	0,168	0,612
HonCIRO (2)	1,093	8,186	0,004	2,984
ExperCIRO		18,123	0,000	
ExperCIRO (1)	0,544	2,736	0,098	1,722
ExperCIRO (2)	1,433	17,894	0,000	4,191
EvitaGreveCIRO		10,496	0,005	
EvitaGreveCIRO (1)	0,599	3,830	0,050	1,820
EvitaGreveCIRO (2)	1,086	9,963	0,002	2,963
Constante	-4,474	160,892	0,000	0,011

N = 1205 ; Chi- quadrado = 292,55 ; g.l. = 14 ; Sign. = 0,000; R^2 (Nagelkerke) = 0,438

% acerto: outras respostas = 98,6%; Ciro = 46,0%; total = 93,6%.

A chance de votar em Ciro por parte de um eleitor evangélico representava cerca de 25% da de um eleitor católico.

As chances de votar em Ciro crescem à medida que se passa dos eleitores posicionados à esquerda para os que se posicionavam à direita. Entre estes últimos a chance de votar no candidato era 2,1 vezes a de um eleitor posicionado à esquerda.

Quanto aos sentimentos partidários, crescem as chances de votar em Ciro Gomes, à medida que passamos dos eleitores que manifestavam sentimentos partidários teoricamente

negativos para o voto no candidato, para os eleitores que manifestavam sentimentos positivos.

No que respeita aos atributos pessoais do candidato, a situação geral é semelhante à encontrada para os outros candidatos: as razões de chance crescem quando passamos dos eleitores que não mencionam o candidato (ou o mencionam em 3º. lugar) para os que o mencionam em 1º. lugar. Para Ciro, entretanto, os quesitos experiência administrativa e “evita greve e bagunça” aparecem como relevantes (o que não acontece para os demais candidatos). Considerando este último aspecto, bem como a tendência dos eleitores situados à direita terem chance bem maior de votar no candidato do que os eleitores situados à esquerda, pode-se dizer que houve uma certa tendência de um eleitorado mais conservador votar em Ciro Gomes.

4. Considerações Finais

Considerando o conjunto das variáveis incluídas nos modelos de “explicação” do voto em cada um dos quatro principais candidatos à eleição presidencial de 2004, os indicadores parecem apontar para um grau razoável de adequação dos modelos, especialmente o modelo para o voto em Lula, mas, também, para José Serra e Anthony Garotinho e, em menor grau, Ciro Gomes.

Nossa análise mostra que a decisão de voto dos eleitores brasileiros parece bastante variada, já que algumas variáveis se mostraram relevantes para "explicar" o voto em um candidato, mas não para os demais. As variáveis que se mostraram mais frequentes (para o conjunto dos quatro candidatos analisados) e com peso mais considerável foram: a religião dos eleitores, seus “sentimentos partidários”, seus posicionamentos numa escala esquerda-direita, as avaliações que faziam do governo em exercício e de atributos dos candidatos (especialmente “confiabilidade” e “preparo/competência”).

Quanto à religião, o peso desta variável na decisão de voto nesta eleição esteve ligado à grande votação que Garotinho recebeu entre os evangélicos. O que é notável é que entre os adeptos das religiões evangélicas, Garotinho venceria no 1º turno. Este parece ser um fenômeno inédito: pela primeira vez nas eleições presidenciais recentes, a religião dos

eleitores foi a variável mais relevante na decisão de voto em um dos candidatos com chance de chegar ao 2º turno (Garotinho).

No conjunto dos modelos, as opiniões políticas (operacionalizadas através dos índices e dos posicionamentos frente a *issues*) não tiveram um peso muito grande na decisão de voto, nem conseguem “explicar” uma parcela muito alta do posicionamento dos eleitores numa escala esquerda-direita.

Quanto aos sentimentos manifestados pelos eleitores a respeito dos partidos, mostraram-se muito relevantes na decisão de voto, especialmente em Lula e Serra. Certamente a análise realizada contém limites; dentre eles, deve-se anotar que a forma como a variável foi operacionalizada tem certa margem de arbitrariedade. Além disso, deve-se considerar que foi analisada apenas a eleição presidencial, onde a associação PT-Lula era muito nítida. Para outros níveis eleitorais, acreditamos que a associação entre os “sentimentos partidários” dos eleitores e seu voto deva ser menos intensa. De toda forma, parece claro que a rejeição a partidos (e não só uma manifestação de identificação ou preferência) é um elemento importante da decisão de voto dos eleitores. Espera-se que os resultados aqui apresentados contribuam para uma discussão metodológica mais aprofundada sobre a forma de considerar os “sentimentos” dos eleitores em relação aos diferentes partidos em sua decisão de voto.

No que respeita à avaliação feita pelos eleitores dos atributos dos candidatos, cabe ressaltar que, por conta de possíveis efeitos de uma "racionalização" por parte dos entrevistados em suas respostas ao survey, algumas destas avaliações (em especial a relativa à confiabilidade dos candidatos, conforme mostram os dados) acabam por se aproximar muito da definição final da decisão de voto. Ou seja, parece mais difícil estabelecer uma relação de causalidade entre estas avaliações e a decisão de voto, podendo parte dos eleitores indicar o candidato que escolheu por outros motivos, como o mais confiável (competente, honesto, etc). Uma parte da avaliação a respeito de Lula ser (ou não) o mais confiável dos candidatos parece ser feita a partir de considerações menos "contaminadas" por posicionamentos políticos prévios. Porém, uma parte substantiva das avaliações parece realmente poder ser "explicada" (ou prevista) pelos posicionamentos e

opiniões políticos destes eleitores. Acreditamos, de toda forma, que seja necessário um maior debate sobre a possível influência deste tipo de variável na decisão de voto, no país.⁷

Apêndice Metodológico 1 – A análise de regressão logística

⁷ Esta conclusão se baseia em um modelo testado, em que a confiança em Lula era a variável dependente e as variáveis independentes eram semelhantes às utilizadas no modelo para a intenção de voto em Lula (com exceção dos atributos pessoais do candidato). O R^2 encontrado foi de apenas 0,43, um valor bastante razoável, mas abaixo dos 0,65 encontrados para o modelo para

Para cada candidato, a variável dependente – *intenção de voto* – foi definida como 0 e 1. 1 (um) quando a intenção de voto é no candidato em questão. Zero, para qualquer outra situação. Sejam $P\{Y = 1\}$ a probabilidade de intenção de voto no candidato e X_1, X_2, \dots as variáveis independentes. Pelo *modelo de regressão logística*, a probabilidade de intenção de voto no candidato, $P\{Y = 1\}$, pode ser *predita* por

$$P\{Y = 1\} = \frac{\exp\{\beta_0 + \beta_1 X_1 + \beta_2 X_2 + \dots\}}{1 + \exp\{\beta_0 + \beta_1 X_1 + \beta_2 X_2 + \dots\}}$$

onde $\beta_0, \beta_1, \beta_2, \dots$ são parâmetros que podem ser estimados a partir da amostra.

No presente trabalho, as variáveis independentes X_1, X_2, \dots são todas categóricas. Para as variáveis originalmente dicotômicas, como sexo, a codificação é direta (0 para uma categoria e 1 para a outra). Para as variáveis politômicas, como escola, foi usada uma variável indicadora para cada categoria (1 quando o elemento pertence à categoria; e 0 caso contrário), com exceção da categoria do nível mais baixo, adotada como base de comparação.

Os coeficientes $\beta_0, \beta_1, \beta_2, \dots$ das variáveis independentes, após estimados a partir dos dados, fornecem informações sobre a influência de cada variável sobre a intenção de voto. Quanto maior o coeficiente, maior é a influência. E o sinal do coeficiente informa o sentido da relação de causalidade. Na regressão linear, é comum apresentar o coeficiente de determinação R^2 , cujo valor está no intervalo entre 0 e 1, como representando a proporção da variância da variável dependente que pode ser "explicada" pelas variáveis independentes, segundo o modelo adotado. Na regressão logística, não existe um coeficiente com esta interpretação, mas existem propostas de generalizações do coeficiente R^2 , em que quanto maior o seu valor, maior é o poder preditivo do modelo com os dados da amostra. No caso do R^2 proposto por Nagelkerke, o resultado estará sempre no intervalo de 0 a 1. Em termos dos dados da amostra, $R^2 = 0$ indica que o modelo não colabora em nada para prever a intenção de votos e $R^2 = 1$ indica que o modelo prediz corretamente todas as intenções de votos da amostra. A seleção das variáveis independentes pode ser feita a partir de algoritmos automatizados. Neste trabalho foi usado o algoritmo *Backward LR*, que inicia o processo com um modelo incluindo todas as variáveis. As variáveis não significativas vão sendo excluídas uma de cada vez, até resultar num conjunto de variáveis em que todas são significativas ao nível de significância estabelecido.

a intenção de voto.

Apêndice Metodológico 2- Operacionalização da variável "Sentimentos Partidários".

Trata-se de variável (uma para cada candidato) que pretende indicar, de alguma forma, a influência dos sentimentos partidários dos eleitores sobre o voto. Da junção das respostas às questões sobre “partido que o representa ou de que gosta” e sobre “partido em que não votaria de jeito nenhum”, resultaram diferentes combinações, que foram agregadas em 3 grupos:

- a) “sentimentos partidários teoricamente contra o voto no candidato” (-1): a1) todos os casos em que havia rejeição ao partido do candidato; a2) casos em que não há rejeição ao partido do candidato, mas há preferência por partido de (ou coligado a) candidato adversário, sem manifestação positiva em relação ao partido do candidato; a3) menções positivas simultaneamente a partido de candidato adversário e a partido coligado ao do candidato;
- b) “situação neutra” (0): b1) sem menção (positiva ou negativa) a nenhum dos partidos que tinham ou apoiavam formalmente candidatos; b2) menção positiva simultânea a partido do candidato e a partido de um candidato adversário, sem rejeição ao partido do candidato; b3) menção positiva simultânea a partido coligado ao candidato e a partido coligado a um candidato adversário, sem rejeição ao partido do candidato;
- c) “sentimentos partidários teoricamente a favor do voto no candidato” (+1): c1) apenas manifestação positiva em relação a partido(s) que apóia(m) o candidato; c2) manifestações positivas simultaneamente em relação ao partido do candidato e a partido coligado a candidato adversário; c3) manifestações positivas simultaneamente em relação ao partido do candidato + a partido(s) que o apóia(m) e em relação a partido de (ou coligado a) partido adversário.

Referências Bibliográficas

- CAMPBELL, Angus et al. (1960), *The American Voter*. New York, Wiley.
- CARREIRÃO, Yan. 1999. "Avaliação do Governo e 'Voto Econômico'", São Paulo. *Lua Nova*, 48: 213-232.
- _____. (2002), *A Decisão de Voto nas Eleições Presidenciais Brasileiras*. Rio de Janeiro/Florianópolis, Editora da FGV/EDUFSC.
- CARREIRÃO, Yan e KINZO, Maria D'Alva G. (2004), “Partidos Políticos, Preferência Partidária e Decisão Eleitoral no Brasil (1989-2002)”. *Dados* (no prelo).
- CARREIRÃO, Yan e BARBETTA, Pedro. (2003). “Eleição Presidencial de 2002: Um Modelo de Decisão do Voto entre os Eleitores da Região da Grande São Paulo”, Caxambu, *Paper apresentado no XXVIII Encontro Anual da ANPOCS*.

- CASTRO, Mônica M.M. (1994), *Determinantes do Comportamento Eleitoral. A Centralidade da Sofisticação Política*. Tese de Doutorado. IUPERJ, datilo.
- CLARKE, Harold & STEWART, Marianne. (1998), "The Decline of Parties in the Minds of Citizens". *Annual Review of Political Science*, vol. 1: 357-378.
- CONVERSE, Phillip. (1964), "The Nature of Belief Systems in Mass Publics", in: D. APTER (ed.) *Ideology and Discontent*, New York, Free Press.
- DALTON, Russell J. & WATTENBERG, Martin. (1993), "The Not So Simple Act of Voting", in: A. FINIFTER (ed.) *State of Political Science II*, Washington, American Political Science Association.
- DALTON, Russell J. & WATTENBERG, Martin (eds.). (2000), *Parties Without Partisans – Political Changes in Advanced Industrial Democracies*. Oxford, Oxford University Press.
- DOWNS, Anthony. (1957), *An Economic Theory of Democracy*. New York, Harper & Row Publishers.
- FIGUEIREDO, Rubens. (1994), "Opinião pública, intencionalidade e voto". *Opinião Pública*, v II, n. 2: 73-82.
- FIORINA, Morris. (1981), *Retrospective Voting in American National Elections*. New Haven, Yale University Press.
- KEY, V.O. (1966), *The responsible electorate: rationality in presidential voting, 1936-1966*. Cambridge, Belknap Press.
- KINZO, M. D'Alva. (1992), "A Eleição Presidencial de 1989: o Comportamento Eleitoral em uma Cidade Brasileira", *Dados*, vol. 35, n.1.
- LAVAREDA, Antônio. (1989), "Governos, Partidos e Eleições Segundo a Opinião Pública: o Brasil de 1989 Comparado ao de 1964". *Dados*, vol. 32, n.3: 341-362.
- LEWIS-BECK, Michael. (1988), *Economics & elections: the major western democracies*. Ann Arbor, The University of Michigan Press.
- MENEGUELLO, Raquel. (1995), "Electoral Behavior in Brazil: the 1994 Presidential Election", *International Social Science Journal*, 146.
- MILLER, Arthur et al. (1986), "Schematic assessments of presidential candidates". *American Political Science Review*, 80.
- MUSZYNSKI, Judith e MENDES, Manuel T. (1990), "Democratização e Opinião Pública no Brasil", in: B. LAMOUNIER (org.). *De Geisel a Collor: o Balanço da Transição*, São Paulo, Sumaré/IDESP.
- POPKIN, Samuel L. (1994), *The Reasoning Voter - Communication and Persuasion in Presidential Campaigns*. (2nd. ed.), Chicago, The University of Chicago Press.
- RAHN, Wendy et al. (1990), "A social-cognitive model of candidate appraisal", in: J. FERREJOHN & J. KUKLINSKI (eds.) *Information and democratic processes*, Illinois, University of Illinois Press.
- REIS, Fábio W. e CASTRO, Mônica M.M. (1992), "Regiões, Classe e Ideologia no Processo Eleitoral Brasileiro". *Lua Nova*, 26: 81-131.
- RENNÓ, Lúcio. (2001), "A estrutura das crenças de massa e seu impacto na decisão de voto", *BIB - Revista Brasileira de Informação Bibliográfica em Ciências Sociais*, 51: 85-103.
- SILVEIRA, Flávio. (1996), *O Novo Eleitor Não-Racional*. Tese de Doutorado, FFLCH, USP, datilo.

SINGER, André. (1990), "Collor na Periferia: a Volta por cima do Populismo?", in: B. LAMOUNIER (org.) *De Geisel a Collor: o Balanço da Transição*, São Paulo, Sumaré/IDESP.

_____. (2000), *Esquerda e Direita no Eleitorado Brasileiro*, São Paulo, Ed. USP.

WEISBERG, Herbert and GREENE, Steven. (2003), "The Political Psychology of Party Identification", in: Michael MacKuen and George Rabinowitz (ed.) *Electoral Democracy*, Ann Arbor, The University of Michigan Press.